

Algodão agroecológico Colorido Potiguar *Potiguar colored agroecological cotton*

ROSÁRIO, Paula C de Moraes¹; DE MEDEIROS, Joyce Fernandes²; LOPES, Giovanna Lima³; PAULINO, Pamella Domingos⁴; DE OLIVEIRA, Francisca das Chagas⁵; ARAÚJO, Kariolania Fortunato de Paiva⁵

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido, paula2penha@gmail.com; ² Universidade Federal Rural do Semiárido, joycefernandessv@hotmail.com, ³ Universidade Federal Rural do Semiárido, giovanna.lopes@alunos.ufersa.edu.br; ⁴ Universidade Federal Rural do Semiárido, pamelladp@gmail.com; ⁵ Universidade Federal Rural do Semiárido, franoliveira1-@hotmail.com; ⁵Universidade Federal Rural do Semiárido, kariolaniafortunato@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Políticas públicas e agroecologia

Resumo: O programa do algodão agroecológico foi iniciado em 2022 com o intuito de melhorar as práticas agroecológicas e alimentação saudável, nas unidades familiares do RN. Além de fortalecer as unidades de produção familiar, e reduzir o número de matéria prima importada da cultura, o programa tem o intuito de gerar renda e autonomia para famílias do campo. A experiência se concretizou em uma ação positiva com números significativos para o programa. Em seu primeiro ano de execução, o programa de algodão agroecológico atingiu quase 350 hectares de produção em área consorciada a culturas como milho, feijão, sorgo e gergelim, mais de 120 toneladas colhidas e 254 famílias envolvidas. Para o algodão colorido, a variedade BRS rubi, o destaque ficou para o trabalho do grupo de mulheres de Tiradentes, Baraúna. O coletivo produziu um volume de mais de 1300kg de rama, utilizando o cultivo mínimo da área plantada. Foi a experiência mais produtiva, para o algodão colorido.

Palavras-Chave: políticas públicas; sustentabilidade; economia solidária.

Contexto

Durante muitos anos a cultura do algodão teve uma produção intensa e lucrativa, sendo umas das principais fontes da economia do Nordeste. O cultivo acontecia de pequenas a grandes áreas, e devido a seu respaldo financeiro a cultura ficou conhecida popularmente como ouro branco do Nordeste. Porém, com o surgimento do bico e a dificuldade do manejo, tornou-se inviável a produção, levando essas áreas ao declínio. Segundo Beltrão (1999) a região Nordeste passou de grande produtora e exportadora de algodão, a importando uma parcela significativa do produto para atender à sua demanda interna.

Atualmente, o Nordeste vem vivendo o renascimento da cultura. Desde o início da década de 2010, o número de unidades de produção da agricultura familiar no semiárido, envolvidas nas experiências produtivas, tem saído da casa das dezenas para centenas (Lima, 2020). A produção de algodão orgânico e agroecológico, no



Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, são campos de produção e importantes espaços de atuação de institutos de pesquisa nacionais e estaduais, ONGs e projetos governamentais. Estes campos abastecem nichos de mercado, como os da União Europeia e de alguns estados do Sul e do Sudeste do Brasil, que negociam por intermédio do comércio justo e remuneram melhor que a fibra convencional, exigindo, em troca, a certificação dos produtores.

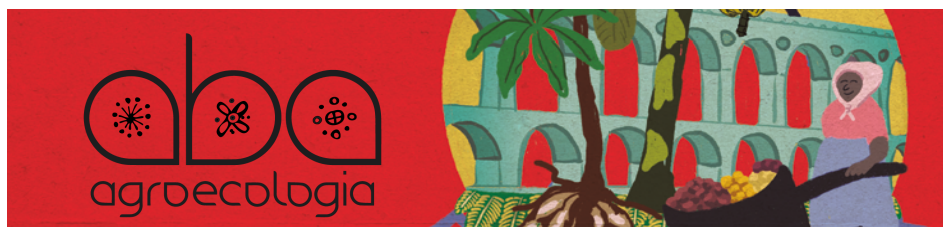
Recentemente, o estado do Rio Grande do Norte, desenvolveu políticas públicas para esse nicho, como o programa Algodão Agroecológico Potiguar. O Governo do Rio Grande do Norte (RN), através da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar (Sedraf), e outras instituições parceiras, estão construindo o Projeto Algodão Agroecológico Potiguar, que busca a revitalização da cultura do algodão no Estado, associada aos sistemas agroalimentares. O programa segue um protocolo de boas práticas para a cadeia produtiva consorciada, com processo de certificação orgânica participativa. A certificação orgânica, é conquistada a partir do controle da conformidade de qualidade orgânica, nas unidades produtivas dos Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPACs). Nesse sentido, não apenas a cultura do algodão se fortalece, mas também as demais culturas como milho, feijão, fava, gergelim, sorgo entre outras. A proposta dos consórcios agroecológicos, é de suma importância para o fortalecer as práticas agroecológicas e alimentação saudável, estruturando os agroecossistemas familiares, além de garantir boas práticas de manejo e conservação do solo.

Em 2022, primeiro ano de execução, foram quase 350 hectares de produção em área consorciada a culturas como milho, feijão, sorgo e gergelim, 254 famílias envolvidas e mais de 120 toneladas colhidas. O faturamento ultrapassou R\$ 500 mil. A meta para 2023 foi incluir 1.000 famílias no processo produtivo, ampliar a área cultivada para mil hectares, com presença em mais de 100 municípios, mas também estimular a participação de mulheres e jovens. Os principais diferenciais do programa consistem na distribuição de sementes orgânicas, assistência técnica, certificação agroecológica e garantia de compra para a rama ou a pluma do algodão, por empresas parceiras nacionais e internacionais.

Descrição da Experiência

O programa do algodão agroecológico foi iniciado em 2022 com o intuito de melhorar as práticas agroecológicas e alimentação saudável. Além de fortalecer as unidades de produção familiar, reduzir o número de matéria prima importada da cultura, o programa tem o objetivo de gerar renda e autonomia para famílias do campo. O projeto é construído a partir de parcerias entre as secretarias e instituições parceiras por todo o estado.

O primeiro momento foi constituído da apresentação do projeto e adesão por parte das famílias. Esse processo se deu em parcerias com as secretarias municipais, sindicatos rurais e ongs. Que disponibilizavam os espaços e realizavam as mobilizações. Já o manejo da cultura foi trabalhado em módulos de formação,



constituído pela assistência técnica e agricultores e agricultoras familiares. Nos módulos, os participantes trabalhavam o planejamento e organização dos consórcios agroecológicos. Definiam as janelas de produção, com orientações sobre o período de plantio, levando em consideração o período de maior disponibilidade de chuva na região. o manejo cultural nos consórcios, assim como o controle de pragas e doenças, é trabalhado de forma substancial, par garantir a sustentabilidade do projeto. Para além da formação sobre o manejo produtivo das culturas, as unidades de produção familiares assistidas, discutirem sobre gênero, geração de renda e permanência do agricultor e agricultora nas atividades de cultivo de alimentos.

Ainda no seu primeiro ano de execução, foi incluso algumas unidades experimentais do algodão colorido, aderido por alguns grupos familiares e coletivos de mulheres. Essa oportunidade, se deu através da parceria entre a cooperativa Rede Xique Xique e a cooperativa Justa Trama, numa perspectiva agroecológica e de comercialização solidaria. Nessa perspectiva, o coletivo de mulheres, do assentamento Tiradentes, Baraúna, Rio Grande do Norte, abraçou a ideia e desenvolveu a produção em sua área coletiva.

Foi cultivada uma área de três hectares, o plantio foi realizado de forma consorciada, cujo arranjo foi constituído por algodão e o sorgo, e algumas cucurbitáceas. A variedade utilizada foi a BRS Rubi, cultivar de *algodão* de fibra colorida marrom avermelhada. Esta, será destinada a produção de roupa sem tingimento, e que usa menos água no seu processo de fabricação. As sementes foram doadas pela cooperativa Justa Trama, assim como as sacarias. A área teve como bordaduras, uma vasta faixa de plantas nativas, que funcionaram como quebra vento, mas também como barreiras naturais, para o equilíbrio da população de insetos. Dessa forma, manteve-se a umidade num nível adequado, e ainda uma biodiversidade no entorno.

As visitas eram realizadas semanalmente pelas equipes técnicas, onde se construíram estratégias de manejo que favorecesse a produção naquela área, levando em consideração a necessidade da cultura e características da área. Durante o ciclo da cultura foram utilizados, urina de vaca em lactação, no período inicial do cultivo, e na prefloração. A urina além de ser funcionar como repelente natural para insetos, é uma ótima fonte de nutriente, que se mostrou eficiente na resposta da cultura. A logística e o beneficiamento por sua vez, foi realizado no espaço da Rede

Xique Xique, onde foi instalado o maquinário necessário, o trabalho de beneficiamento foi executado pelo próprio grupo.

A experiência se deu através do programa de assistência técnica e extensão rural (ATER), desenvolvido através da organização não governamental (ONG), Centro Feminista Oito de Março, que acompanha grupos de mulheres agricultoras no RN. Atualmente, a instituição desenvolve ações alicerçadas em três elementos: feminismo, organização e formação. As atividades têm como finalidade, proporcionar o fortalecimento das organizações de mulheres nos espaços sociais,



em especial as trabalhadoras rurais, oferecendo apoio, assessoria e formação em gênero aos grupos de mulheres, comissões de mulheres dos sindicatos rurais, entidades de assessoria técnica, gerencial e organizativa que atuam no meio rural e urbano. A instituição já desenvolveu projetos em parcerias com a união europeia e tecnologias sociais em parceria com a Fundação Banco do Brasil.

Resultados

Em seu primeiro ano de execução, o Programa de Algodão Agroecológico atingiu quase 350 hectares de produção em área consorciada a culturas como milho, feijão, sorgo e gergelim, mais de 120 toneladas colhidas e 254 famílias envolvidas. Para a algodão colorido a experiência do grupo de mulheres foi a que obteve melhores resultados em volumes de produção, chegando a produzir mais 1300kg de rama.

O programa fortaleceu o grupo e estimulou outros agricultores a aderir ao programa, vale ressaltar ainda, a valorização e otimização do trabalho das mulheres com aquisição de tecnologias poupadoras de mão-de-obra. Outro ponto, consiste na renda que veio a complementar as unidades familiares dessas mulheres, assim como a organização fortalecida.

Por outro lado, alguns desafios foram encontrados durante a execução do programa, como por exemplo a resistência por parte dos agricultores e agriculturas em não usar produtos convencionais, principalmente em regiões onde, o agronegócio tem atuado. Este impasse, vem sendo trabalhado a partir do diálogo, formação coletiva e experiências práticas. A janela de produção, que consiste no intervalo de tempo onde todas as áreas devem serem plantadas, vem sendo um problema para o programa. Muitos agricultores e agriculturas depende de programa de corte de terra, que são acessados via secretarias públicas municipais para preparar suas áreas, diante disso, em alguns casos, a demora nesse repasse retarda o corte de terra, que por sua vez, influência na janela de produção de alguns grupos/áreas de produção e consequentemente, ocorre perdas de período de chuvas, prejudicando a produção,

uma vez que é de sequeiro. Este desafio vem sendo debatido junto aos municípios, para adequar o programa a realidade da agricultura de cada região, levando em consideração a realidade e necessidade das mesmas, assim como o projeto do Algodão agroecológico.

Por fim, não menos importante, o Programa do Algodão Agroecológico, é o fato das famílias terem a venda garantida de toda a produção, além da gama de conscientização sobre a produção sustentável com um grande número de transição aos sistemas agroecológicos.



Referências bibliográficas

BELTRÃO, N.E. de M. **Algodão brasileiro em relação ao mundo: situação e perspectiva**, In: O agronegócio do algodão no Brasil, Embrapa Algodão, v.1, Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, cap I, p.17-27,1999.

LIMA, P. J. B. F. **Memórias pessoais sobre o desenvolvimento dos sistemas de produção do algodão em consórcios agroecológicos**. [Entrevista] (abril 2020). 2020.